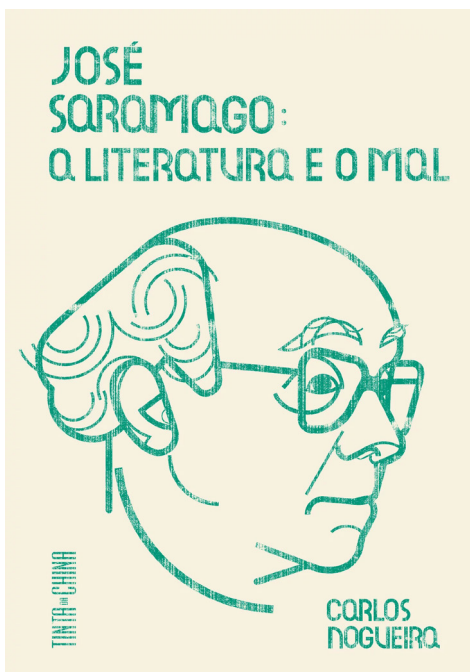


**Carlos Nogueira: *José Saramago: A Literatura e o Mal*.
Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2022, 416 pp.**

Paulo Roberto Nóbrega Serra (FOCO.UNTL – CLP / CIAC – Ualg)



Meses depois do volume de ensaios *José Saramago: A Escrita Infinita*, organizado por Carlos Nogueira, a Tinta-da-China publica, no centenário do nascimento de José Saramago (1922-2022), um novo ensaio dedicado à obra do autor português laureado com o Prémio Nobel da Literatura em 1998.

José Saramago: A Literatura e o Mal, vencedor do Prémio Literário Vergílio Ferreira 2022, versa a problemática do mal e o papel individual de cada cidadão-leitor na construção do bem comum, a partir da obra saramaguiana.

Numa altura em que proliferam reedições da obra de Saramago, excertos de obras adaptados a livros ilustrados infantojuvenis, álbuns fotográficos, e demais literatura crítica, podemos perguntar o que pode a leitura deste ensaio trazer de novo. Carlos Nogueira responde justamente a essa questão na Introdução, quando afirma que “A repetição, o lugar-comum e a desistência a curto ou a médio prazo são riscos inevitáveis para quem decidir estudar uma obra com um sucesso crítico tão acentuado e uma força criativa e estética tão imponente” (p. 9).

Afirma Carlos Nogueira que “Toda a obra de José Saramago equaciona o problema da definição, das manifestações, das características e das causas do mal.” (p. 11) Este ensaio pretende assim contribuir para a compreensão da problemática do mal, baseando-se quer na produção literária de José Saramago, quer em testemunhos e textos que fazem parte da sua ação cívica enquanto autor, “apoiado na sua escrita, na ação individual e na prática social e política (numa palavra: na vida ética)” (pp. 11-12). É importante

relembrar que o mal não é um tema inédito em literatura, e muito menos na filosofia, nomeadamente na produção literária que se seguiu ao Holocausto e que tentava compreender como aconteceu o impossível.

São assim estes os dois grandes propósitos que se interligam e enformam “este olhar para a obra literária de Saramago à luz da questão do mal, em diálogo aberto com a História, a Religião, a Filosofia, a Política, a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia, a Medicina, etc.” (p. 12). Por isso mesmo, para que esta não seja uma análise fragmentada, ou demasiado reducionista, centrada apenas na prosa, o ensaísta e professor Carlos Nogueira intenta um diálogo informado, não só à luz de alguns autores do século XX (Orwell, Primo Levi, etc.), mas também sob o prisma de leituras que fogem ao escopo exclusivamente literário. Apesar de “ser sabido que na filosofia contemporânea não há propriamente um número significativo de bons e estimulantes tratados sobre este tema” (p. 14), Carlos Nogueira releva como marcos balizadores desta análise o pensamento de autores vários, como Susan Neiman, que prossegue na linha de raciocínio de filósofos como Rousseau e Arendt. O autor dialogará ainda com autores como Kant, Hannah Arendt, Tzvetan Todorov, Eduardo Lourenço e George Steiner. Destacam-se, sobretudo, Miguel Real e António Marques, autores de, respetivamente, *Nova Teoria do Mal. Ensaio de Biopolítica* (2012), e *A Filosofia e o Mal. Banalidade e Radicalidade do Mal de Hannah Arendt a Kant* (2015). Ambas as obras, realçadas como recentes e inovadoras, são apontadas pelo ensaísta como “marcos na filosofia e no ensaio sobre o mal”, assumindo-as como “referências transversais e fecundas a todo este meu ensaio” (p. 15).

Nogueira alerta-nos, contudo, para um aspeto curioso, clarificando que a palavra *mal* não é, na verdade, muito utilizada por Saramago ao longo de toda a sua obra, quer literária quer não-literária. Entenda-se o vocábulo *mal* como “sinónimo de crueldade, violência, tortura, fome, egoísmo, ambição” (p. 27). Por outro lado, o mal em que Saramago atenta não se limita ao que reside nos defeitos ou falhas, ainda que temporárias, da fraca condição do ser humano. A Saramago interessa sim, e sobretudo, “o mal substantivado na História em instituições como a Inquisição, a Monarquia e outros poderes (como o poder ancestral dos senhores do latifúndio alentejano)” (p. 21). Ou mesmo o mal disseminado pelos mercados neoliberais. Mas Saramago intenta igualmente refletir sobre “o mal como categoria não-acidental do humano, antes em manifestação contínua e sempre em vias de se intensificar em múltiplas e (im)previsíveis formas, e também como categoria tão

inscrita na nossa natureza como o bem (presente em sentimentos, atitudes e comportamentos como a empatia, a compaixão e o altruísmo).” (pp. 21-22)

Em contrapartida, concluirá Nogueira, no final do livro, baseado naquilo que Saramago declarou em diversas ocasiões, “não podemos resignar-nos a aceitar passivamente o princípio segundo o qual somos impotentes perante um sistema mundial inumano que difunde a desigualdade, a diferença, a desumanidade. Cada um de nós pode e deve ser um fator de construção de uma nova humanidade, em vez de acatar, ou promover, as circunstâncias (socioculturais, políticas e biológicas) que nos condicionam. O mal é um labirinto habitado por muitos minotauros puramente humanos, inclusive por cada um de nós. Deste lugar não se sai para o paraíso, mas não estamos condenados a reduzir-nos *ad aeternum* a um seu reflexo” (p. 406).

A solução para o mal do mundo, ainda que pareça sempre insuficiente e provisória, reside designadamente na (re)construção de cada um de nós e das instituições que nos assistem.

Em termos de natureza formal, o ensaio *José Saramago: A Literatura e o Mal* reparte-se em seis grandes seções ou capítulos, sendo que alguns deles se subdividem.

No primeiro capítulo, «*Terra do Pecado*: o “fator Deus” no primeiro Saramago», atenta-se na leitura daquele que é considerado o primeiro romance do autor, apesar de ter sido publicado mais tarde. Carlos Nogueira faz uma leitura atenta desta obra que, afirma, é “um romance único” no contexto da literatura portuguesa dos anos 40 do século XX, “ao pôr tão em destaque a mundividência de uma mulher e a violência sexista que toda a sociedade exerce sobre ela” (p. 33). Ao longo de cerca de 25 páginas, Nogueira intenta demonstrar como a “interioridade desta personagem feminina é objeto de uma atenção minuciosa ao longo de todo o romance, e isso é bem elucidativo dos propósitos do autor-narrador, que quer privilegiar os efeitos da religião na visão feminina do mundo e da sociedade e nos comportamentos de uma mulher como Maria Leonor” (pp. 33-34). É importante e curioso fazer notar que, muito recentemente, a Porto Editora anunciou a reedição deste romance de Saramago, justamente no dia 16 de novembro, data em que José Saramago celebraria o seu centésimo aniversário. O livro de estreia do Nobel, publicado em 1947, que conhecemos primeiro como *Terra do Pecado*, chega agora às livrarias com o título *A Viúva*. Era esse o título que Saramago pretendia desde sempre para o seu livro, sem nunca se ter conformado com a alteração imposta pelo editor da altura. Mais importante, ao contrapormos estes dois títulos tão distintos, percebemos verdadeiramente

a essência deste romance, cujo mercado editorial ditou que tivesse um título que é, afinal, parcial e pode mesmo influenciar o próprio leitor, contribuindo para um julgamento da protagonista Maria Leonor.

Ao pensar no tratamento da temática do mal em Saramago – seja ele o mal político, o mal religioso, entre várias outras manifestações possíveis –, poderemos pensar, quase instantaneamente, no *Ensaio sobre a Cegueira*. Todavia, o objeto deste ensaio vai muito mais longe. Entre as várias obras que Nogueira trabalha, sob a problemática apontada, incluem-se: *Os Poemas Possíveis*, *O Ano de 1993*, *Alabardas*, *Levantado do Chão*, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, *A Caverna*, etc.

Haverá ainda espaço para um capítulo dedicado a «José Saramago comunista na literatura de cordel brasileira», mediante uma leitura comparatista com o folheto de cordel *José Saramago: Vida e Morte*, do autor brasileiro Medeiros Braga.

A leitura da obra saramaguiana que Nogueira propõe neste ensaio vai além do diálogo entre a obra do Nobel e as noções da filosofia sobre o mal, até porque não é sua intenção argumentar que o propósito de Saramago fosse “isolar e explicar definitivamente a propriedade ou as propriedades intrínsecas do mal” (p. 14). Como, aliás, afirma o ensaísta, noutra passo, Saramago nunca reduz o problema do mal “a fórmulas maniqueístas e triviais” (p. 19). Carlos Nogueira procurará justamente evidenciar ao longo deste ensaio, mediante uma atenta leitura ilustrada por diversas passagens, que nas obras de Saramago “há uma procura constante de explicações para a natureza do mal, não apenas (o que, nas grandes obras, já não é pouco) uma representação (e uma apresentação) dos seus efeitos” (p. 14).

Em jeito de conclusão, destaque-se a forma como muitas vezes o ensaísta, cuja escrita é aqui assumida na primeira pessoa, tenta dotar a sua análise com uma fundamentada e humilde confiança, como acontece na seguinte passagem ilustrativa: “Quero avançar com segurança e clareza, sem ceder ao impulso das generalizações que ficam sem resposta” (p. 26). E, para isso mesmo, ao longo do seu texto crítico, é imperativo fundear o seu discurso e análise no próprio texto do autor, recorrendo sempre que possível a frases ou a citações do próprio Saramago, como libelo contra uma crítica monológica e tergiversadora, como apontava logo na *Introdução* deste livro, numa passagem tão importante que a aproveitamos para assim concluir. E, também com estas palavras, demonstrar justamente como este ensaio cuja leitura aqui propomos é de leitura essencial:

“Acredito tanto na boa crítica literária como abomino a má. Aquela

faz-me querer continuar a ler, a pensar e a escrever, esta desanima-me e quase me derrota. A primeira é um diálogo entre o crítico e uma obra, a segunda é um monólogo ou nem isso, porque muitas vezes nem o crítico sabe minimamente do que está a falar. Sabe apenas estar a acumular palavras sobre palavras quase sem qualquer sentido e sem outra finalidade que a de dizer (ou proclamar) ter escrito qualquer coisa de sublime” (p. 11).